

A PARTICIPAÇÃO DO CIDADÃO

GILSON CARVALHO

1. Não tenho algo acabado sobre o tema participação popular. São apenas algumas anotações. Reflexões esparsas e que tento juntar. Podem nem fazer nexos. Mas, é preciso refletir sobre a questão, agora, sob risco de que um dia nem possa tirar conclusões mais acabadas e profundas.
2. Trabalho com coletivos há muito tempo: família grande, vizinhança grande na convivência integrada quintal e rua em cidade de interior, colégio interno desde os nove anos, república de estudantes. No coletivo quase familiar foi isto. No coletivo povão foi a experiência de mobilização em movimentos religiosos, no escotismo, em alfabetização de adultos quando universitário, nas lutas políticas e depois nas lutas de saúde.
3. A experiência do coletivo em saúde começou por bate-papos, palestras, aulas, discussões com a comunidade. Organização ao redor de levantamento de problemas e soluções nos bairros, com as comunidades eclesiais de base. Na área da pediatria as consultas coletivas, os bate-papos de democratização do saber, palestras, reuniões e escritos. Paralelo a isto a discussão do direito à saúde, a organização dos serviços de saúde, os planejamentos participativos, os orçamentos participativos, as CIMS, os conselhos de saúde, os conselhos gestores de unidades, as conferências de saúde nas três esferas de governo.
4. Minha vivência lembrada a cada vez que penso e falo de participação da população é de que se tomar 67 - 77- 87 e 97 a participação das pessoas teve um crescendo nas três primeiras décadas (60 e 70 e 80) a cada vez e vem ficando menos importante de 90 para cá. Isto teria algo a ver com nossa história política? A fome das conquistas e reformas de 60. O não saciamento somado ao cerceamento de 64 a 79. Seguiu-se a abertura, a nova república e a aparente desmobilização dos últimos anos.
5. Vivemos nos anos da ditadura a dureza de ter que nos organizarmos para defender o global que era a luta libertária, mãe das outras menores. Nesta luta entrou muitas gente.
6. Entramos em seguida na luta libertária das minorias esquecidas, preteridas: pretos, índios, homossexuais, portadores de deficiência (aqueles ditos especiais), renais, infectados pelo HIV etc. etc.

7. Houve, de grande expressão o movimento em busca da participação política dentro dos partidos. Destaque-se partidos de tendência à esquerda. Sempre se falou na sua grande base ideológica. Foi sem dúvida o grupo que mais teve este componente na história dos partidos brasileiros. O único parâmetro mais próximo - exatamente na ponta ideológica oposta - talvez tenha sido o do integralismo do Plínio. A base destes partidos entretanto, foi a classe trabalhadora da elite da mão de obra, eletricitários, metalúrgicos, servidores públicos e várias outras. Para contrabalançar tinha a presença de intelectuais e ideólogos, muitos deles funcionários públicos de universidades e serviços.
8. Dando sustentação à luta ideológica tinha a luta pelo sonho. Estava latente, por baixo de tudo a luta por direitos particulares de classes de trabalhadores. Muitas vezes os rachas aconteceram e continuarão acontecendo na medida em que a defesa ideológica foi sobrepujada pela luta corporativa. A ética do cidadão sobrepujada pela da corporação. Governos eleitos, através e essencialmente devido a esta participação ficaram logo incompatíveis com suas bases. O coletivo do funcionalismo tinha seu sonho individual de melhores condições de vida funcional: melhores salários, melhores benefícios indiretos (transporte, alimentação etc), redução de jornada de trabalho para seis horas, sistema de saúde próprio do funcionalismo ou plano de saúde privado, todos os cargos de direção nas mãos exclusivas dos militantes, independente de terem ou não competência... o que não podia era ficar na mão dos outros "impuros", a direita da direita (na sua visão) mesmo que fossem comprometidos com a sociedade e competentes. Na prática se escreveu uma outra história: sociedade não era o partido e o que importava era ser do time. A participação que se esgotou no maniqueísmo de que os nossos são bons e os outros não prestam. Jamais considerar estas observações como generalizáveis a todos, mas, que aconteceu nestes vários Brasis, aconteceu!
9. Está parecendo estranha esta reflexão de repente com viés de crítica aos partidos progressistas. Não sou filiado. Sou adepto dos progressistas e, de repente, me sinto também um pouco roubado no sonho. Continuo sem ter carteirinha de progressista, mas acho que esta é a via mais possível de construção da civilização. Faço parte daqueles que apostam no sucesso das propostas progressistas dentro da pluralidade político-partidária. Daí a dor quando existem os desvios de rota, os descaminhos... o rompimento do coletivo do progresso dói como parte de nós próprios.
10. Por que esta reflexão? Acho que isto é a história maior da participação popular neste país e, por aí, passa a crise que vejo hoje entre as pessoas. São inúmeros, incontáveis aqueles que não eram filiados, mas que, bem dentro de si, nutriam a esperança de que daí surgiria a revolução. Dos caminhos pelo extremo sairia o atalho do ajuste à realidade. Sou dos muitos que esperaram pelo momento em que, através das mudanças da

momento em que, através das mudanças da realidade, o coletivo dos brasileiros iria entender que tem que participar para transformar e construir um futuro melhor para cada vez, mais brasileiros.

11. E aí, diante disto, como fica a garra e gana das pessoas participarem da sociedade como um todo? O que tem por baixo desta história de uma participação crescente que atingiu um ápice e agora já está caindo? Ou não estaria?
12. A análise minha e de vários colegas com quem convivo é de que cada vez mais temos menos pessoas participando das grandes lutas. Basta lembrar o que foi uma VIIIa. Conferência Nacional de Saúde com tudo de participativo que a precedeu, a luta da Constituinte, a luta pela 8080 e 8142 e ponto... quase que final.
13. Vejo nitidamente duas vertentes. Aquela por onde andam as pessoas e movimentos que já vinham construindo sua participação há muitos anos. Estes hoje vêm com preocupação a incapacidade de manter a chama nos que já estavam engajados e de outro lado a dificuldade crescente em trazer à participação novos companheiros.
14. Na outra vertente vejo municípios ingressando agora no movimento de saúde e que estão crescendo na participação. Estão crescendo, ainda que de outra forma. São comprometidos e se empolgam mas, a meu ver, com menos pitada daquele "entusiasmo de bando" que alimentou os primórdios do movimento e que arrastou a massa de cidadãos em defesa da saúde. Uma mobilização como a das "diretas já", teve seu ponto alto semelhante na área de saúde na VIIIa. Conferência Nacional de Saúde, com direito à reedições decrescentes da IXº CNS e da Xº CNS.
15. O que leva a que aparentemente esgote-se a participação em saúde? A Plenária Nacional de saúde não tem há anos reunido mais que 10 pessoas. Diante da soma do apelo de plenária e do movimento SOS-SUS - EM DEFESA DO SUS, hoje estas reuniões começam com 10 pessoas, chegam a 20 no momento de pico e terminam com a famosa meia dúzia de três ou quatro. No Estado de São Paulo, sua Plenária Estadual ainda consegue atrair, às vezes, o dobro de pessoas do que a da nacional. A história se repete no meu município de São José dos Campos quando nos idos de 76-82, num estalar de dedos, reuníamos dezenas de pessoas em bairros e centenas nas reuniões gerais do município. Hoje nas plenárias de prestação de contas do Fundo Municipal de Saúde, com centenas de convites formais e informais as dezenas de participantes não ultrapassam e às vezes nem mesmo chegam aos cinco dedos de uma das mãos. Por que? Qual a razão deste fenômeno?
16. Estava pensando nisto pela undécima vez quando lembrei-me da recente assembléia sindical que apelou para o sorteio de prêmios

para assegurar a presença dos filiados. O desaponto desta situação insólita aliviou, em parte, o sentimento de menos valia que vinha alimentando pela falta de participação em defesa da saúde.

17. Meu município de São José dos Campos fez orçamento participativo durante quatro anos nos idos de 79 a 82, depois, ainda que de outra forma, entre 89 e 92 utilizando-se das audiências públicas previstas na Lei Orgânica Municipal. Depois, entre 93 e 96 investiu-se no modelo petista de fazer orçamentos participativos. Mobilizou-se centenas e milhares de pessoas nos bairros e depois no momento da consolidação central. (Se Deus quiser, sonho que um dia orçamento participativo evolua para GESTÃO PARTICIPATIVA: diagnóstico, plano, execução, controle e avaliação). Mudou o Governo e já, no primeiro ano, sem orçamento participativo, não aconteceu nada. Nenhum protesto. Nenhuma convulsão social. As pessoas não exigiram a continuidade. Não reivindicaram. Não espernearam. O orçamento participativo é ruim? Defendo o contrário. Precisamos de participar para exercer o controle como cidadãos em cima do público e também do privado. O que está ocorrendo? Teve e não tem mais e ninguém notou a falta?
18. Tem uma outra questão que ocorreu na área da saúde e também em outras áreas. Organizamos a participação. A fase de luta para sermos ouvidos. A fase da formulação das políticas. A fase da consolidação através das leis, decretos e portarias. Quando conseguimos determinadas conquistas quisemos ainda manter aquele espaço inicial que deveria ter terminado no conquistado. Para ser mais claro. Organizamos a participação na saúde e conseguimos os conselhos e as conferências mas teimamos em ter o espaço da plenária em paralelo aquilo que nós próprios defendemos a criação. Ou mantemos as plenárias ou as conferências e conselhos. Temos no meu ver que dar força aos conselhos, abrir o espaço para que eles sejam os interlocutores da sociedade que eles representam. Criar espaço para que eles nos ouçam e nós possamos ouvir sobre suas atividades realizadas em nosso nome. A plenária só continuaria fazendo sentido no momento em que cassasse com os conselhos. Idem para as conferências de saúde. Conseguimos colocar na lei a obrigatoriedade de cada gestor público prestar contas ao Conselho e em audiência pública nas Câmaras e Assembléias a cada três meses. Teimamos em criar ou manter outros fóruns como se não tivéssemos conquistado nada. Não completamos nossa obra. Não enchemos as audiências públicas para ouvir e falar. Não devemos partir do pressuposto de que os conselheiros eleitos é que representam a sociedade? Não são eles os que agora deverão comandar o processo participativo? Ou vamos teimar em desautorizá-los criando ou mantendo poderes e espaços paralelos? (Vale lembrar que as Plenárias Nacionais de Conselheiros, iniciadas há poucos anos, parecem apontar como um renovar desta participação.)

19. Vejo muita teoria da qual ainda não me convenci. Estou só na fase , a mais primária delas, de bancar o retratista da realidade e tentar mostrar o que vi. Outro dia numa roda falaram que as pessoas só participam quando estão andando atrás de soluções para seus problemas. Resolvidos estes, mesmo que em parte, passam a se desinteressar de continuar participando. O problema deixou de ser preocupante... pelo menos para algum grupo ou pessoas do grupo. A conclusão dos que advogam esta teoria é simples: "estamos respondendo melhor e dentro da mínima expectativa"
20. Outra teorização é de que haja um calejamento individual e coletivo. A impossibilidade de transformar a realidade faz com que as pessoas lutem por algum tempo e depois se calejem? Ficam anes-tesiadas pela dureza do real?
21. Gosto das velhas concepções e definições de participação em que saímos da neutralidade do termo para tomá-lo no conceito positivo, de valor. Não é apenas ser parte, fazer parte, tomar parte mas principalmente TER PARTE. Acho que estamos longe de ter introjetado a idéia de que temos parte no mundo e na sociedade. Parte esta que é de todos em igualdade - aprofundando o conceito. Todos donos, em proporção igual. Sem nenhuma discriminação odiosa nem de classe, nem de posse, nem de credo nem de cor, nem de ideologia, nem de partido. É difícil pensar assim. Direita e esquerda se encontram neste desaguar, ainda que de novo, independente de cor partidária ou mesmo de ter partido existem os que não pensam assim. É a razão de não entrarmos no desespero da desesperança de mudança.
22. Enquanto não conseguirmos uma massa maior de pessoas partindo desta convicção dificilmente vamos encontrar participação nas transformações da sociedade no sentido da inclusão de todos em igualdade de direitos.
23. A fase primária da participação acusatória. A metralhadora giratória sobre todos que não sou eu nem os meus ainda não foi superada. Muitos que se fixaram nela e entenderam que ela fosse a única via, estão órfãos e perdidos. Como acusar a nós próprios quando assumimos parte do poder - no quadro de transição - e passamos a entender da impotência de se realizarem mudanças radicais que desconheçam os tempos e movimentos diferentes, inerentes à concepção de processo. Passar da fase acusatória para a criativa e a de mãos na massa é um avançar para o qual a maioria dos batalhadores e progressistas não estava preparada. Serviu como aprendizado? Seria uma das causas de descrença das pessoas no processo? Seria um dos fatores de calejamento das consciências que passariam a não ser mais compelidos a acreditar no processo e a passar do pensar ao fazer? do omitir-se ao participar?

24. Qual será agora o nosso fazer rumo à cidadania plena e de todos? As experiências de administrações progressistas desde a época do MDB histórico, frentão que guardou em seu seio os muitos progressistas, o que foi feito e ficou? O que restou? O que restou dos movimentos participativos das últimas décadas? Desilusão? Saudade? Teses? Ou se plantou algo que dará frutos a apenas longo prazo?
25. Pensei alto muita coisa. Não são conclusões. Não são idéias acabadas e dogmáticas. Fazem parte da coragem que os anos dão para a gente dizer o que pensa e deixar que todos que não se expuseram possam entrar no orgasmo de criticar na cegueira da ortodoxia, nossas heresias heterodoxas.
26. São meras reflexões.